

MIA COUTO

# Venenos de Deus, remédios do Diabo

*As incuráveis vidas de Vila Cacimba*

6ª reimpressão



## Capítulo um

O médico Sidónio Rosa encolhe-se para vencer a porta, com respeito de quem estivesse penetrando num ventre. Está visitando a família de Bartolomeu Sozinho, o mecânico reformado de Vila Cacimba. À porta, a esposa, Dona Munda, não desperdiça palavra, nem despende sorriso. É o visitante quem arredonda o momento, inquirindo:

— *Então, o nosso Bartolomeu está bom?*

— *Está bom para seguir deitado, de vela e missal...*

A voz rouca parece distante, contrariada como se lhe custasse o assunto. O médico acredita não ter entendido. Ele é português, recém-chegado a África. Refaz a questão:

— *Perguntava eu, Dona Munda, sobre o seu marido...*

— *Está muito mal. O sal já está todo espalhado no sangue.*

— *Não é sal, são diabetes.*

— *Ele recusa. Diz que se ele é diabético, eu sou diabólica.*

— *Continuam brigando?*

— *Felizmente, sim. Já não temos outra coisa para fazer. Sabe o que penso, Doutor? A zanga é a nossa jura de amor.*

A dona da casa pára no meio do corredor, ajeita um cacho de cabelos sob o lenço como se aquele tufo capilar fosse o último vestígio da sua sensualidade.

— *Diga-me, Doutor, não será que Bartolomeu foi atacado por essa doença que agora corre pela Vila?*

— *Não, esta é outra doença.*

— *Ainda há pouco passou pela rua um desses homens enlouquecidos, agitando os braços, parecia querer voar.*

— *O posto de saúde está cheio deles, quase todos soldados.*

— *Sabe como o povo os chama? São chamados de tresandarilhos.*

— *Sim, já sabia. É um belo nome: tresandarilhos...*

— *Acha que é uma maldição?*

— *Isso não existe, Dona Munda. As doenças possuem causas objectivas.*

Munda bate à porta do quarto, a fortaleza onde o velho se encerrou e escurece desde há meses. A esposa aguarda pela rabugenta resposta de Bartolomeu. Em vão. Dona Munda não poupa os nós dos dedos e, de novo, golpeia a porta. Cauteloso, o Doutor Sidónio pede-lhe contenção.

— *Se calhar ele está a dormir. Venho mais tarde...*

— *Esse fulano vai acordar.*

Às vezes chama-lhe fulano, outras, reduz o nome do marido para Barto. Agora, rosto espalmado na madeira, a

mão de Munda sacode o trinco. Por fim, o homem se faz escutar:

— *Porquê?*

Desde que ali chegou, Sidónio Rosa vem estranhando muita coisa. Por exemplo, agora: a pergunta devia ser “quem é?”. Mas Dona Munda já vai anunciando: ela vinha com o Doutor. O homem resmunga: o médico que entrasse sozinho, que a esposa só lhe atrapalhava a pulsação, raios a partissem, com todo o respeito.

Dão tempo. Dona Munda vai traduzindo para o médico português os pastosos sons que vão escoando através da porta. Escuta-se o velho Bartolomeu a erguer-se do cadeirão, lento como lava fria, escutam-se os seus gemidos enquanto se dobra para calçar peúgas. Agora, diz Munda, agora ainda será preciso esperar que ele repuxe as meias até cobrir os joelhos.

— *O seu marido tem tanto cuidado com as peúgas...*

— *Não é cuidado. É vergonha.*

— *Vergonha?*

— *Diz que tem os pés cheios de escamas. As unhas já lhe crescem fora dos dedos...*

— *Ora, Dona Munda...*

— *É ele que diz, não sou eu. O velho diz que o avô dele morreu lagarto, é isso que ele diz...*

Era o que dizia o seu Bartolomeu: que era maleita de família, também ele estava a caminho de se lagartear. A única coisa, porém, que vai rastejando, rente às poeiras, é a sua pobre alma. A esposa resmunga e, depois, suspira: